

SIGNIFICÂNCIA E REALIDADE
"Sobre Subjetividade e Objetividade"
por Eduardo Galvani

Esta análise pretende investigar a possibilidade de diferentes formas de significância do mundo real, considerando o princípio antropológico de relativismo cultural, características científicas da subjetividade humana e fatores históricos com possível influência nos modos contemporâneos ocidentais, individuais e coletivos de interpretar a realidade.

Visando fundamentar os conhecimentos da subjetividade, da percepção e da cognição humanas, consultaremos teorias da Filosofia e da Psicologia modernas. Consideraremos também a teoria elaborada pelo psicólogo Karl Buhler para classificar o mundo real a partir de "objetos, processos e atributos". Para maior compreensão do conceito de significância e do seu *modus operandi*, ou seja, da maneira pela qual cada etnia, cultura, sociedade ou pessoa é capaz de interpretar e criar sistemas cognitivos para atribuição de valor à própria realidade, pensaremos sobre o princípio de formação de *redes de significância*.

Investigaremos também algumas formas de estímulos psicológicos e subjetivação de valores que ocorreram na Europa durante as Revoluções Francesa e Inglesa que originaram a construção e a representação das nações modernas, e decorrências históricas dos movimentos nacionalistas europeus que antecederam o século XX. Ao estudar os processos que envolveram determinados conjuntos de valores culturais, éticos e morais, constituídos e disseminados por estes movimentos sociais naquela época, poderemos comparar e buscar compreender as novas relações de subjetivação, apropriação e difusão de conceitos valorativos na contemporaneidade, possibilitadas pela globalização, estimuladas pela cultura da auto-representação, e ampliadas pelo fácil acesso aos atuais instrumentos de comunicação disponíveis nas sociedades ocidentais.

Percepção, Cognição e Significância

Em suas teorias sobre introspecção e psicofísica, que fundamentam grande parte dos estudos ocidentais da Psicologia moderna, Wilhelm Maximilian Wundt alega que o ser humano é capaz de absorver e codificar o mundo exterior através do sincretismo de seus sentidos corporais, processo que teria denominado de *conscientização*, o qual, de acordo com ele, ocorre pela combinação entre as sensações do corpo e aspectos subjetivos da mente humana: emoções, volições e intelectões. Emoção, na filosofia de Willian James, é a capacidade de sentir as alterações do estado corporal, provocadas por estímulos externos e/ou subjetivos. Intelecção é a capacidade humana de compreender qualquer estímulo ou informação do meio externo através da consulta e da conexão entre os modelos cognitivos já armazenados em sua memória, e volição, é descrita em teorias psicológicas pela forma subjetiva de controle das ações. Para Wundt, a *atenção* seria o principal modo de *conscientização*, e ocorre quando o campo consciente do cérebro, ao controlar as emoções, intelectões e volições, se torna mais *nítido*, ou mais ativo, que o subconsciente para perceber o momento imediato da realidade.

O processo mental pelo qual o ser humano é capaz de converter os estímulos recebidos do mundo exterior em códigos culturais previamente apreendidos, e criar sua própria intelectão, é denominado pela Psicologia moderna de cognição, característica psicológica fundamental e que orienta o modo com que cada indivíduo é capaz de reconhecer, interpretar e traduzir a realidade. Para a Psicologia, percepção é a capacidade de atribuir significado a estímulos sensoriais a partir das experiências acumuladas na memória, portanto, a característica que compõe e determina a natureza individual da própria cognição, ou seja, do modo único e exclusivo que cada pessoa possui de codificar a realidade.

O aprendizado, ou seja, o fenômeno que permite ao ser humano realizar o reconhecimento e a identificação da realidade percebida a partir de concepções

pré-estabelecidas, de acordo com o filósofo Gottfried Wilhelm Leibniz, apenas teria se tornado possível através da atenção, ou conscientização, operando em conjunto com a memória. A memória realiza a função de armazenamento do conteúdo, no momento em que é percebido e/ou depois de já codificado, com base nas próprias condições psicológicas e no contexto de cada indivíduo, sempre que este percebe de forma consciente um determinado recorte da realidade. A capacidade de aprendizado, combinada com as capacidades expressivas, é que permitiram ao ser humano atribuir significados e modificar a própria realidade. O conceito de significância, portanto, representa todo significado potencial, inerente a cada objeto, processo ou atributo da realidade, capazes de desencadear os recursos mentais de percepção e cognição, que tornam cada pessoa capaz de interpretar, reinterpretar, atribuir, sugerir e transmitir significados a esta realidade, a partir das *redes de significância* pré-estruturadas em sua memória, ou pela criação de novas *redes de significância*.

Uma vez que cada ser humano vivencia experiências únicas e percebe a realidade do seu modo, ao pensar sobre os conceitos de cognição, percepção e aprendizado, é importante entender também o conceito de indivíduo. Na realidade, a natureza de toda informação é livre, tudo transporta uma infinidade de significados potenciais, e depende apenas da consciência de cada indivíduo atribuir ou se apropriar deste ou daquele significado para o mesmo aspecto da realidade. Quanto mais conhecimento ou referências contextuais o indivíduo possuir, maior sua capacidade de encontrar diferentes significados para o mesmo objeto, processo ou atributo do mundo real. O aprendizado e o desenvolvimento de cada indivíduo estão relacionados às capacidades perceptivas e cognitivas, e aos hábitos e costumes de cada um: Ambientes frequentados, redes de contato, valores adquiridos e compartilhados, etc. Em seus estudos sobre processos humanos de aprendizagem, o psicólogo Jean Piaget afirma que o desenvolvimento da personalidade individual sob aspectos subjetivos é indissociável do conjunto das relações afetivas, sociais e morais vivenciadas pelo indivíduo, e também entende que o aprendizado opera pelas capacidades perceptivas em função da memória. Portanto, do ponto de vista formativo cultural, os conceitos de identidade e indivíduo reafirmam a noção de

que cada ser humano é singular, pois, cada qual vivencia momentos únicos e possui características biológicas exclusivas.

As capacidades perceptiva, cognitiva e de memorização, portanto, é que teriam permitido ao ser humano desenvolver também sua capacidade de aprendizado. Para tornar possível o aprendizado, porém, é necessário que sejam estruturadas na memória as *redes de significância*, formadas a partir das experiências individuais, pela percepção e cognição, as quais permitem observar, deduzir, classificar e orientar a atribuição de determinados valores às coisas, aos acontecimentos, e às relações, existentes ou possíveis de existir, entre estas coisas e estes acontecimentos. A formação das *redes de significância* na memória humana são possíveis, portanto, através da percepção, da cognição e do encadeamento de ideias, que se torna possível com as atividades perceptiva e cognitiva operando em conjunto com a memória. Esta capacidade de formação das *redes de significância* é que teria possibilitado a origem ao pensamento Filosófico, a atividade do pensamento humano puro, que permite a desmistificação do mundo, a origem das linguagens, a classificação epistemológica da realidade e do conhecimento humano, a origem, portanto, da própria ciência. Em seu texto *As Palavras e as Coisas*, o pensador Michel Foucault examina as vertentes de pensamento humano que deram origem aos conceitos modernos de indivíduo e de ciência moderna ocidental, a qual teria sido constituída, fragmentada e classificada a partir de experimentos observáveis e do encadeamento de conceitos básicos através do pensamento lógico.

Redes de significância, portanto, são estruturas mentais compostas por uma quantidade variável de conceitos básicos, que podem ser agrupados, reagrupados e encadeados entre si para definir conceitos e elementos mais complexos, e permitem classificar um objeto, processo ou atributo da realidade em uma determinada linguagem. A propósito, as *redes de significância* é que também permitem a construção das próprias linguagens. Os conceitos e elementos mais básicos das *redes de significância* foram denominados pelo linguísta Bernard Pottier de *noemas*. *Noemas* seriam, portanto, os conceitos fundamentais, os elementos mais simples utilizados para a criação ou atribuição

de valor em qualquer *rede de significância*, que, ao serem combinados conforme a lógica cognitiva de cada pessoa ou epistemológica de cada linguagem, permitem conceituar um atributo, objeto ou ação de forma específica.

As definições dos objetos, processos ou atributos do mundo real, concebidas e estruturadas a partir da lógica particular de cada pessoa, linguagem ou *redes de significância* pré-existentes, ocorrem a partir da formação de conjuntos complexos com a combinação de *noemas*. Estes conjuntos complexos de *noemas* foram denominados por Bernard Pottier de *lexes*, e pelo também linguísta François Rastier, de *conceptus*. A organização dos *noemas* em *lexes* ou *conceptus* é que fundamentam a existência das linguagens humanas, que, por sua vez, possibilitam a criação de novas *redes de significância*. As *redes de significância*, porém, são constituídas com base na premissa de que cada um de seus elementos tem valor atribuído a partir de sua relação contextual com os demais elementos. Conforme pressupostos do estruturalismo linguístico elaborados pelo filósofo Ferdinand de Saussure, o significado se define pela sua própria relação contextual. A letra "a" aparece duas vezes na palavra "animal", por exemplo, mas apesar de as letras "a" serem exatamente as mesmas, o significado delas é definido de forma diferente conforme a posição que ocupam na palavra em questão. É esta possibilidade de valoração relativa ao contexto que permite a construção de *redes de significância* extremamente complexas a partir da organização lógica de elementos básicos.

De acordo com teorias contemporâneas da Psicologia e da ciência semiótica, as estruturas do cérebro humano estariam predispostas a captar os estímulos sensoriais externos através dos sentidos corporais além do limite biológico e imediatamente percebido, em um nível hiperprofundo, onde também ocorre a cognição, ou conceitualização, ou seja, a atribuição de valor à realidade, através da formação de novas *redes de significância* ou pela consulta das redes já existentes.

A teoria da estética, elaborada pela filosofia clássica de Aristóteles e Platão no intuito de compreender as capacidades humanas de apreensão da realidade,

entende que a criação ou a estruturação dos conceitos mais básicos das *redes de significância* ocorre a partir do sincretismo dos sentidos corporais para percepção da realidade e da combinação entre lógica e ética. Considerando a relação ubíqua entre o ser humano e o mundo real, ou seja, a constante comunicação do corpo com o mundo exterior, a lógica e a ética podem ser entendidas pelas capacidades fundamentais da cognição que permitem ao pensamento humano superar a dimensão primitiva da sua existência, e então, a compreensão do mundo a partir da definição ou conceitualização dos *noemas*, os elementos mais básicos das *redes de significância*, e, por consequência, a estruturação dos *conceptus* ou *lexes*, os quais, da mesma forma que os *noemas*, não seriam estáticos e imutáveis, mas, em virtude das capacidades humanas de aprendizado, também se desenvolveriam através da mesma relação dinâmica, pela lógica e pela ética, em uma constante dialética de reinterpretação e readequação dos elementos e estruturas destas *redes de significância*, conforme as capacidades cognitivas e perceptivas, as intencionalidades e o contexto histórico e cultural com que cada indivíduo se relaciona.

Para possibilitar a comunicação entre dois ou mais indivíduos, ou a identificação e o desenvolvimento coletivo de um conjunto de valores culturais, é necessário que existam *redes de significância* comuns, as quais podem ser representadas e consolidadas através das linguagens, dos meios de comunicação e expressão, e de outras instituições em uma determinada sociedade. Portanto, apesar das peculiaridades inerentes aos modos individuais de assimilação e de interpretação da realidade, haverá sempre *redes de significância* coletivas, que podem prevalecer ou operar em conjunto com outras, dependendo do tempo e do lugar, consolidadas e representadas através dos sistemas coletivos e distintos de valores que orientam o funcionamento básico original de cada grupo étnico, comunidade, cultura ou sociedade humana.

A partir do estudo da cognição e da percepção, é possível compreender, portanto, que as diferentes sociedades e o relativismo cultural existem em decorrência dos distintos modos de significância da realidade estarem ligados de forma direta ao tempo, ao local e ao modo com que cada indivíduo se

relaciona com o mundo externo, pois, além das diferentes capacidades cognitivas, desenvolvidas ao longo do tempo conforme o acúmulo das experiências individuais, as possibilidades de relação com o mundo também são intrínsecas e condicionadas à realidade e de cada um. Ou seja, o aprendizado e o desenvolvimento intelectual de cada indivíduo são possíveis em decorrência de suas capacidades cognitivas e perceptivas, portanto, dos processos de apreensão, das linguagens, das formas de codificação da realidade e estruturação das *redes de significância*, os quais, por sua vez, se desenvolvem condicionados a uma relação de interdependência com o meio em que o indivíduo está inserido, considerando sua idade mental e seus contextos cultural, histórico e social, tanto no meio natural quanto nos ambientes artificiais, construídos pela própria ação humana. A estrutura de *redes de significância*, ou seja, o universo cosmológico, presente na memória de cada indivíduo, portanto, funciona e se desenvolve de forma única e independente para cada pessoa, em função da sua idade, capacidades biológicas, corporais e mentais, e do acúmulo de experiências pessoais, em uma constante relação ubíqua e dialética com a realidade externa, no universo histórico material e social.

De acordo com Wundt, as ações humanas, que possibilitaram a origem do mundo artificial (vilas, cidades, metrópoles, máquinas e todos os artefatos derivados da ação humana), são motivadas por afetos ou sentimentos que acompanham as sensações e suas combinações. Ou seja, ao fazer a apreensão consciente multisensorial de um determinado aspecto da realidade, o ser humano capta determinados valores, e, com base nas suas capacidades interpretativas individuais, criando ou acessando as *redes de significância* em sua memória, relaciona conceitos e define significados a estes valores percebidos nos objetos e acontecimentos, podendo, então, a partir do agrupamento destes conceitos, representar suas ideias através de ações em variadas linguagens de expressão, ou mesmo, realizar a criação de novas linguagens ou meios de expressão. A construção do ambiente material artificial com qual o ser humano se relaciona, portanto, ocorre em virtude da própria ação humana, em fenômenos sociais protagonizados por humanos, no intuito, talvez, de transcender sua própria condição real natural, em busca de alimento e proteção,

e criando, ao mesmo tempo, novas possibilidades de significância para sua própria realidade. O filósofo Nietzsche afirma que *“Pode haver uma infinidade imensurável de motivos para explicar um desejo singular. Todas as escolhas feitas tornam-se determinantes da ação.”*

Subjetividade, Sexo e Etnia

Apesar da infinita possibilidade de classificação por gêneros, e embora algumas teorias antropológicas afirmem que a classificação dicotômica dos humanos em masculino e feminino seja simplista ou apenas um reflexo da cultura patriarcal incidente no cientificismo histórico ocidental, existem diferenças naturais facilmente observáveis entre humanos do sexo masculino e humanos do sexo feminino, determinadas, conforme aspectos biológicos, por fatores genéticos e fluxos hormonais, aspectos naturais, alheios, portanto, às construções subjetivas e culturais. Após experiências com uma técnica de rastreamento e leitura da intensidade e direção dos fluxos de conexões entre os neurônios, para um amplo estudo sobre as diferenças entre o funcionamento dos cérebros masculino e feminino, a cientista Verma Ragini alega ter encontrado indícios de distinções entre atividades e estruturas neuronais que explicariam porque o cérebro dos homens seria mais apto para determinadas funções, e o das mulheres, para outras. O estudo de Verma conclui que o cérebro masculino teria maior propensão para realizar conexões que facilitariam a percepção objetiva do mundo físico real e a ação coordenada, enquanto o cérebro feminino estaria mais pré-disposto a atividades subjetivas, analíticas e intuitivas. Portanto, embora homens e mulheres sejam capazes de agir de forma bastante parecida, e também possam pensar de forma bastante semelhante, é importante lembrar das evidentes diferenças biológicas, das possíveis diferenças cognitivas e de atribuição subjetiva de significado ao mundo real, portanto, existentes entre os cérebros masculinos e femininos. As funções sociais distintas, atribuídas pelas diferentes estruturas corporais, podem ser determinantes na constituição histórica das diferenças cognitivas.

Além disso, o conceito de humanidade defendido por teorias da Antropologia Cultural moderna, que reconhece valores universais e atribui a todos os tipos de seres humanos capacidades biológicas e estéticas semelhantes para a percepção e a interpretação da realidade, reduz a implicância das distinções étnicas na questão das diferenças sociais, porém, não anula as diferenças de contexto histórico e social, que parecem determinantes para o desenvolvimento do aprendizado e a formação das capacidades cognitivas, em virtude da ressonância simbólica e histórica das relações humanas pessoais ou evocadas no universo cosmológico histórico e social que influenciam de forma direta na estruturação das *redes de significância*, portanto, na manutenção de conceitos acerca de determinados valores.

Subjetividade e Consciência

Embora todas as espécies animais sejam capazes de agir, em algum sentido, a ação dos animais não humanos seria, de acordo com o filósofo Gottfried Wilhelm Leibniz, apenas contingente e espontânea, e a capacidade de ações “refletidas”, ou “conscientes”, seria exclusividade do ser humano. Leibniz afirma também que, para que a ação seja livre, tem que ser ao mesmo tempo “contingente, espontânea e refletida”.

Sobre a distinção das capacidades de ação entre humanos e outros tipos de animais, parece que, além da influência das diferentes capacidades cognitivas, aspectos físicos do corpo também seriam determinantes. Uma análise clássica da teoria evolutiva afirma que o ser humano teria aprimorado suas habilidades tecnológicas a partir do momento em que desenvolveu a capacidade de manipulação de pequenos objetos ao utilizar o movimento de pinça e a pressão entre os dedos indicador e polegar.

Além das evidentes capacidades da ação animal, observáveis, por exemplo, no ato de construção dos próprios ninhos por algumas espécies de pássaros, existem estudos de Biologia e Ethologia que confirmam também a capacidade de memorização, aprendizagem, comunicação e mesmo o equivalente ao desenvolvimento cultural humano entre várias espécies animais, porém, esta é uma área de estudos ainda recente, não muito explorada e difundida pela ciência moderna ocidental. O intuito desta análise é apenas compreender melhor os modos humanos de atribuir significado à própria realidade.

Nos seres humanos, a subjetividade constitui-se a partir da estruturação das *redes de significância* na memória, as quais lhe permitem atribuir valores subjetivos à realidade objetiva, e, também, aprender e desenvolver suas próprias linguagens e meios de comunicação e expressão. Portanto, ao gerar uma ideia de pensamento ou ação, é necessário ao humano que antes esta ideia seja refletida, através da sua capacidade de intelecção, em alguma das *redes de significância* que compõem a sua subjetividade, para que, de forma consciente, possa compreender o sentido do seu ato. São as capacidades de cognição e comunicação que permitem ao ser humano ter a consciência de que seus modos de interpretar a realidade objetiva diferem dos modos que os outros animais utilizam para apreender a mesma realidade.

Sabemos que o aprendizado e o desenvolvimento da subjetividade dos indivíduos não estão relacionados apenas às capacidades perceptivas, cognitivas ou de memorização, mas também aos hábitos e costumes, e dependem dos ambientes frequentados, das redes de contato, dos valores adquiridos e compartilhados por cada um. O conceito antropológico de relativismo cultural, que pressupõe que as culturas e expressões humanas devem ser interpretadas considerando o seu próprio contexto, nos permite compreender melhor que as *redes de significância* também são formadas conforme as experiências proporcionadas pelo contexto de cada indivíduo.

Entretanto, a diversidade de contextos e as estruturas sociais hierarquizadas parecem inerentes a todas as culturas e comunidades humanas. Existem, então,

inúmeras diferenças de contexto, observáveis não apenas quando se compara uma cultura com outra, mas também quando comparamos, a partir de análises etnográficas micrológicas, as diferentes realidades possíveis de serem vivenciadas no interior de um mesmo grupo, comunidade, sociedade ou cultura. Ao fundamentar o conceito de classes sociais, o filósofo Karl Marx sugere que características subjetivas das pessoas são determinadas conforme as posições e funções sociais ocupadas por cada indivíduo na sociedade onde vive.

O sociólogo Karl Mannheim, ao estudar o relativismo inerente à subjetividade individual, entende que, ao limitar seu ponto de vista ao de uma classe ou grupo (seja ideológico ou utópico), o indivíduo não estará apto a uma compreensão total da realidade, pois cada ponto de vista sempre limitará sua compreensão em relação aos outros possíveis pontos de vista diferentes. Mannheim afirma ainda que, qualquer ato de conhecimento não é resultado da consciência exclusivamente teórica, baseada apenas nas *redes de significância* formadas pela ética, lógica formal ou epistemologia positivista desta ou daquela linguagem ou cultura, mas também de vários elementos de natureza não teórica, provenientes da vida social e das influências e vontades às quais o indivíduo está sujeito. Compreendemos, portanto, que o universo cosmológico e subjetivo de cada indivíduo, constituído pelas *redes de significância* em sua memória, existe em uma relação de interdependência com o mundo objetivo vivenciado por este mesmo indivíduo.

Compreendemos, também, que a existência de diferentes comunidades e realidades culturais só se torna possível mediante a estruturação e a consolidação de *redes de significância* comuns através das linguagens humanas, ou seja, de acordo com teorias do sociólogo Émile Durkheim, através da comunicação e do compartilhamento de valores comuns, através dos quais, é possível ocorrer a integração e convivência entre seus membros. Esta integração, por sua vez, é possível mediante o consenso e a coesão, que promovem o equilíbrio e a harmonia que possibilitam a existência e o desenvolvimento de tal comunidade. Para Durkheim, consenso seria a definição da subjetivação coletiva de valores normativos específicos, os quais devem operar em harmonia com os

valores individuais, para que haja a integração entre os membros e a comunidade seja conservada. Parece que, para Durkheim, toda sociedade seria, portanto, constituída pelos valores e códigos culturais que esta é capaz de conservar, formando um primado ontológico, no qual cada indivíduo membro se torna suporte da sua existência, e ao mesmo tempo, tem sua existência garantida em decorrência dela. Toda sociedade, portanto, se modifica e se adapta, conforme a transformação dos valores que a constituem.

O pensador Michael Foucault, em um estudo intitulado "*As palavras e as Coisas*", ao observar a objetividade da ciência através do encadeamento de conceitos, da dedução e da experimentação, também busca compreender a evolução dos modos de subjetivação coletiva de valores em determinadas estruturas sociais, desde as formas religiosas da era medieval até os novos formatos e configurações representados pelo Estado e instituições modernas nas sociedades contemporâneas.

Subjetividade e Nações

No mundo contemporâneo, diferentes tipos coletivos de *redes de significância*, ou conjuntos de valores sociais, culturais, éticos e morais, são classificados em macro-estruturas definidas de nações. Em seu texto *Nações e Nacionalismo desde 1780, Programa, Mito e Realidade*, o historiador Eric John Ernest Hobsbawm analisa que o conceito moderno de nação consolidou-se durante os movimentos nacionalistas, que ocorreram em decorrência da defesa da soberania e da manutenção de valores comuns, promovida por determinadas comunidades e povos no final do século XIX.

A análise de Hobsbawm sugere que a consciência e a ideia política de nação pacífica emergiram com a consolidação das novas comunidades, organizadas com base no seu patrimônio cultural, a partir destes movimentos sociais nacionalistas, os quais teriam sido estimulados por acontecimentos sociais

ocorridos durante as crises do imperialismo monárquico, pela origem e crescimento do capitalismo industrial e da democracia liberal parlamentar, em função do resgate e manutenção do patrimônio cultural de determinadas comunidades ou povos, subjetivado a partir das instituições e do conjunto de ritos compartilhados por estas “comunidades imaginadas”, conceito utilizado pelo também historiador Benedict Anderson para definir o que seriam os “embriões” destas nações.

Em seu estudo, Hobsbawm demonstra que, no século XIX, as nações estruturadas a partir do seu patrimônio cultural e linguístico ainda eram uma inovação. De acordo com ele, esta época deu origem ao “princípio de nacionalidade”, que convulsionou a política internacional da Europa, sendo criados na época vários Estados Novos, formados por comunidades, conscientes e auto-determinadas, em um possível intuito de se organizarem e auto representarem sob a forma de nações em âmbito internacional a partir de um conjunto de valores específicos e códigos culturais próprios.

Hobsbawm demonstra ainda que, naquela época, a difusão cultural por meio de reuniões em lugares públicos (bares e cafés) e pela impressão de textos, eram os principais modos de subjetivação de valores nas sociedades observadas por ele. E, enquanto a língua falada e escrita exercia grande influência na consolidação e propagação de uma determinada cultura, na maioria das regiões europeias, durante as batalhas nacionalistas, havia indícios da predominância de defesa de vários outros elementos e aspectos culturais. Com a ampliação da necessidade e das formas intercomunitárias de comunicação em função das melhorias das condições de transporte e do aumento das viagens estimuladas pelo industrialismo, teria aumentado também a necessidade de integração entre as comunidades, e, portanto, a dificuldade de manutenção e conservação de determinados valores culturais locais.

No mesmo período, ao visar a integração internacional das nações no recém criado mercado internacional, passou-se a realizar assembléias internacionais, que também possibilitaram a consolidação e a difusão de valores humanos

universais, fundamentados em investigações antropológicas, etnográficas e micrológicas de relações sociais aparentemente insignificantes, inerentes às mais variadas nações ou comunidades humanas, cosmopolitas ou isoladas.

O nazismo também é um exemplo histórico de movimento social que consolidou um conjunto de valores culturais fundamentalistas, com finalidades específicas e voltados ao extermínio de pessoas consideradas "anormais", com base na visão unilateral e autoritária de um antigo soldado do exército alemão após idealizar e difundir sua ideologia de forma impositiva à uma parcela da população da comunidade alemã durante a primeira metade do século XX.

Para Hobsbawm, em qualquer lugar, estes valores históricos, tanto locais quanto universais, estariam ressonantes ainda hoje, refletidos nas artes, na religião, na ciência e na tecnologia, através de instituições e mecanismos civis ou estatais, os principais instrumentos de consolidação e representação de existência de cada nação. A interpretação destes valores com base em seu caráter formativo original é possível apenas pela compreensão e manutenção das mesmas *redes de significância* que possibilitaram a sua criação. Porém, o relativismo cultural, os valores sociais universais do mundo contemporâneo, e as capacidades de inteligência e cognição, permitem ao humano realizar a contextualização e a reinterpretação destes antigos valores.

Conclusão

A partir da análise dos modos humanos de percepção, memorização e cognição, ou seja, da capacidade de atribuição de valores simbólicos à realidade, e das motivações e decorrências dos movimentos nacionalistas europeus, é possível compreender que a constituição e a disseminação da cultura humana não apenas exerce influência direta, mas representa um fator determinante na formulação do imaginário e do universo cosmológico de cada indivíduo, ou seja,

das próprias condições cognitivas, e no desenvolvimento da capacidade de interpretação do mundo real, por consequência, na constituição da subjetividade de cada pessoa, comunidade ou nação. Também podemos compreender que, em virtude do relativismo cultural, conforme o contexto, é possível a coexistência de indeterminados modos de interpretação da realidade em um mesmo indivíduo, grupo, comunidade ou nação.

Ao observar a realidade contemporânea, é possível compreender também que a dinâmica atual dos fluxos de informação, possibilitada pela estrutura globalizada de comunicação, permite que, ao assimilarem novos valores durante as relações sociais estabelecidas com outras pessoas ou culturas, indivíduos semelhantes também compartilhem entre si antigos ou novos valores, locais ou universais, que são traduzidos e codificados conforme a sua própria cultura, a partir do diálogo interpessoal ou das inúmeras formas de expressão que predispõem. Conforme o entendimento de benefícios para o coletivo, pode ocorrer, então, a aceitação e a cristalização destes valores em determinada sociedade através das instituições locais, que, em um processo cosmológico de subjetivação, mitificam e ritualizam estes novos valores culturais através da adoção de novas formas de representação social, práticas ou costumes comuns. A atual dinâmica acelerada de difusão e reinterpretação de valores em âmbito global estaria influenciando, portanto, a velocidade das principais transformações culturais ao redor do planeta.

Observar esta dinâmica e alguns fenômenos sociais decorrentes dos movimentos nacionalistas com auxílio da teoria de introspecção de Wundt, um tipo de comportamento, de acordo com ele, no qual os indivíduos observam a si mesmos para compreender sua subjetividade, pode ajudar a compreender melhor de que modo as manifestações sociais observadas nas revoluções Inglesa e Francesa representam movimentos impulsionados por desejos de realização de vontades, individuais e coletivas, subjetivadas e compartilhadas por grande parte da população de comunidades, que, após observarem de forma introspectiva as necessidades de mudança social em um determinado sentido, agiram de forma coletiva, visando garantir os meios de conservar e expressar sua

própria cultura e intencionalidades subjetivas, através de movimentos sociais que podem ser considerados meios de realização destes intuitos coletivos, pelos quais ocorreram a atribuição e a consolidação de novas formas de significância da realidade para aquelas comunidades.

Nas sociedades liberais e democráticas contemporâneas, este mesmo processo de reinterpretação e transformação social da realidade ocorre de forma contínua e pacífica, através da comunicação entre as instituições e as variadas formas de representação e interdependência existentes entre elas, em uma dinâmica social permanente que contribui com a transformação e a construção de sociedades civis cada vez mais livres, justas e equilibradas.

©2014 Eduardo Galvani

Proibida a reprodução integral ou parcial sem a autorização expressa do autor.

edugalvani@gmail.com